

O CULATREIRO

Do mês de março para cá, tantas coisas tem acontecido, que minha cabeça vive bagunçada. Durmo mal levanto irritado, com imensa sensação de insegurança. Mas não era para menos: abocanharam minha modesta poupança, juntada com tanto sacrifício e enormes restrições pessoais, no afã ilusório de garantir uma velhice mais tranqüila.

Repentinamente, o sonho acabou. Não sei mais o que vai acontecer pra gente e para o nosso sofrido país, que saltou de um trapézio para outro, sem a rede de proteção. Acresce ainda que, além de vítima, me chamaram de malandro, de aproveitador, de especulador, tristes adjetivos para uma vida inteira de trabalho e honestidade. Não sabendo o que vai acontecer, se a coisa vai dar certo, já que o grama do ouro e o dólar no paralelo continuam a aumentar, meu refúgio é a família (os netos principalmente) os livros, o jornal, a televisão. Neles encontro a precária tábua de salvação, na procura do equilíbrio mental, enquanto se espera que o plano econômico dê certo.

Vai daí, é bom, verdadeiro refrigerio, assistir a novela Pantanal que retrata a região mais bonita do país, com suas tramas amorosas, os costumes de gente simples, as lendas, as paisagens magníficas, os animais, os pássaros, os jacarés, os

peixes, as matas e os corpos bonitos de lindas mulheres desnudas, fazendo o amor nas praias do paraíso.

Quando vejo um barco, com seu motor de popa, riscando as águas calmas dos rios, chego a ficar com os olhos marejados, respiro fundo e chego a pensar que nem tudo está perdido. Embora, nunca tenha ido pescar no Pantanal, estou a ele intimamente ligado. É que meu avô materno Júlio Sudário da Silva Leite, montado nos lombos dos cavalos e dos burros, construiu sua vida e educou seus oito filhos, trazendo de lá milhares e milhares de cabeças de gado, que "invernava" aqui em Itápolis, na fazenda Mar de Espanha.

Cada viagem era uma epopéia, uma aventura, onde se lutava contra as doenças, contra as febres, vencendo as cascavéis, as sucuris, os mosquitos. Dormindo ao relento, numa rede pendurada entre duas árvores, coberto pela capa "Ideal", o velho e querido avô, feito de aço e bravura, foi um homem. E à noite, no galpão de sua casa (esquina das Avenidas 7 de Setembro e Valentim Gentil), deitado numa legítima rede de embira, ainda menino, adorava ouvir as estórias do Pantanal, da onça pintada, das piranhas, dos bois baguás, dos pássaros, cujos cantos, de manhã, chegavam a atordoar os cavaleiros, do tropel do gado, das capivaras, das antas.

Assim, conheço o pantanal, como as palmas das minhas mãos e quando vejo a novela, parece que também estou navegando pelos rios sem fim, andando a cavalo, tomando banho nas águas mornas e amando nas praias...

Meu querido avô me ensinou como era a vida do boiadeiro. Descreveu minuciosamente como era a caravana que tangia a boiada. O cozinheiro, com sua tropa de burros, bruacas, trens de cozinha e alimentos (charque, feijão, farinha e rapadura) ia bem na frente, para acampar na margem do rio. Assim, quando os demais chegassem, o almoço já estava pronto.

A caravana mesmo era formada por um capataz, um ponteiro, dois fiadores, dois meeiros e um culatreiro. O capataz dirigia tudo, as marchas, as paradas, o acampamento. O ponteiro seguia na frente da boiada, ocupando o lugar de maior perigo. Nos dois flancos, iam os fiadores, antecidos pelos meeiros. Fechando a comitiva, junto do gado doente, afetado, dos bezerros que nasciam no longa caminhada, das reses que tinham vida curta (o boi das piranhas que era sacrificado, para ensejar a travessia dos sadios), ia o culatreiro.

Enquanto os demais (capataz, ponteiro, fiadores e meeiros) eram jovens e fortes, cavalgando os melhores cavalos e passando os maiores perigos, o culatreiro era mais velho,

mais cansado, de cabelos grisalhos. Assim como os bois da culatra, ele também, pela idade, pelas lutas que enfrentara, pelas doenças, pelas tristezas e infortúnios, ocupava posição secundária. Para ele, a boiada e a vida já estavam no fim. O culatreiro montava o pior cavalo, um burro manco às vezes, e respirava toda a poeira do mundo. Geralmente não tinha mais família, pois os seus tinham se perdido pelos caminhos da vida. Os amores ficaram no passado. Na "frente ia a esperança e atrás ficavam os desenganos". Ele ainda era útil, assim como o boi das piranhas...

Não adianta a revolta, o choro, a lamentação, para aqueles que, como nós, já estão na culatra da vida...